ReGeo
ISSN: 2177-3246

UMA VIDA MARCADA POR ABUSOS SEXUAIS: SILÊNCIO ROMPIDO POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

A LIFE MARKED BY SEXUAL ABUSE: SILENCE BROKEN BY UNIVERSITY STUDENTS

UNA VIDA MARCADA POR EL ABUSO SEXUAL: SILENCIO ROTO POR ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

https://doi.org/10.56238/revgeov17n8-123

Data de submissão: 27/06/2026 **Data de publicação:** 11/08/2026

Amanda Fernandes do Nascimento
Enfermeira
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: mandinha1704nas@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-6200-8937
Lattes: https://lattes.cnpq.br/8531347946788243

Rosimery Cruz de Oliveira Dantas
Doutora
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: rosimery.cruz@professor.ufcg.edu.br
ORCID: 0000000236995172
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2372898088259711

Aissa Romina Silva do Nascimento
Doutora
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail:aissa.romina@professor.ufcg.edu.br
ORCID:0000000306558657
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0848329182172810

Nahum Isaque dos Santos Cavalcante
Doutor
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail- nahum.isaque@professor.ufcg.edu.br
ORCID: 0000-0001-6364-3466
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3274805623219013

Jefferson Antônio Marques
Secretário Executivo
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: jefferson.marques@ufcg.edu.br
ORCID: 0000-0003-2285-1984
Lattes: https://lattes.cnpq.br/5511273220245766

Maria Kamylla e Silva Xavier
Doutora
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: @kamylla.xavier@professor.ufcg.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8602-1870
http://lattes.cnpq.br/7129462502323095

Juliana e Silva de Oliveira
Doutora
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: juliana.silva@professor.ufcg.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0499-3615
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2874345339269386

Luiz Fernando de Oliveira Coelho
Mestre
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
E-mail: lfoclula@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4680-1634
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1745613417742413

Rosielly Cruz de Oliveira Dantas
Bacharel em Enfermagem
Instituição: Afya Itabuna-BA
E-mail: rosiellycruz124@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6507-1577
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9129043401238778

RESUMO
Introdução: O abuso sexual está presente na vida de muitas pessoas, sendo mais frequente em mulheres, e o principal agressor é o homem, do convívio ou não da vítima. Objetivo: Investigar o quantitativo de estudantes universitárias vítimas do abuso sexual e as consequências na vida destas. Método: Estudo transversal e descritivo de abordagem quantitativa, amostra de 124 mulheres, estudantes de Enfermagem, definida pela calculadora OpenEpi, selecionadas aleatoriamente, dados analisados com estatística descritiva, média com desvio padrão e teste de quiquadrado com o programa SPSS versão 20.0. Resultados: Amostra final de 146 estudantes, das quais 56 (38,4%) sofreram abuso sexual, idade média do abuso 12,18 anos (DP= 4,380). 96,4% se autodeclarou branca, 100% sabia o que é o abuso sexual e 98,2% sabia que não se limitava apenas ao ato carnal, 96,4% conhecia alguém que tinha sofrido. Os principais perpetradores foram: amigo da família (42,9%), familiar (17,9%), professor (5,4%) e pai/padrasto (3,6%). Os ambientes em que ocorreram foram rua (35,8%), residência e festa (26,8%), outros (25%) e escola (10,71%). A forma como lidou foi o silêncio (85,7%), contou aos pais (12,5%). 41,1% relatou ausência de amparo, recebeu suporte familiar (12,5%), profissional (5,4%) e amigos (3,6%). Os impactos relatados são: desconforto (91,07%), medo (62,50%), vergonha (55,35%), culpa (35,80%) e outros (23,21%). Como agravante 18,5% mantém contato com o agressor. Conclusões: O abuso sexual é um mal social e as subnotificações impedem sua real prevalência. Os ambientes de reprodução da violência sexual são extrafamiliares e intrafamiliares, e quanto maior a proximidade com o agressor, maior será os impactos negativos na vida da vítima. O acolhimento fortalece as mulheres e as ajuda a romperem com o ciclo da cronicidade do abuso sexual. A

universidade precisa falar mais sobre a temática e fortalecer os meios para combater o problema no seu seio.

Palavras-chave: Abuso Sexual. Mulheres. Universidade.

ABSTRACT
Introduction: Sexual abuse is present in many people's lives. It is more common among women, and the main aggressor is the man, whether or not the victim lives with him. Objective: To investigate the number of female university students who are victims of sexual abuse and the consequences for their lives. Method: A descriptive cross-sectional study with a quantitative approach, with data analyzed using descriptive statistics, mean and standard deviation and the chi-square test using SPSS version 20.0. Results: Proposed sample of 124 female nursing students, calculated using Open Epi, randomly selected, with a final sample of 146, of which 56 (38.4%) had suffered sexual abuse, who were on average 12.18 years old (SD=4.380) when they were raped. The majority declared themselves white (96.4%), (100%) knew what sexual abuse was, (96.4%) knew someone who had suffered it and (98.2%) knew that it was not limited to the carnal act. The main perpetrators were family friends (42.9%), relatives (17.9%), teachers (5.4%) and fathers/stepfathers (3.6%). The environments in which they occurred were the street (35.8%), home and party (26.8%), other (25%) and school (10.71%). The majority coped in silence (85.7%), told their parents (12.5%), received support from none (41.1%), family (12.5%), professionals (5.4%) and friends (3.6%). The impacts reported were discomfort (91.07%), fear (62.50%), shame (55.35%), guilt (35.80%) and others (23.21%), with 18.5% still maintaining contact with the aggressor. Conclusions: Sexual abuse is a social evil and underreporting prevents us from knowing its real prevalence. The environments in which sexual violence is reproduced can be both extrafamilial and intrafamilial and the greater the proximity to the aggressor, the frequency and duration, the greater the negative impacts on the victim's life. Reception is extremely important to help them break the cycle of chronic sexual abuse, since there are women who suffer this act repeatedly. The university needs to talk more about it and strengthen the means to combat it in its midst, in order to welcome and minimize the damage that this violence causes in the psychological, social and physical fields.

Keywords: Sexual Abuse. Women. University.

RESUMEN
Introducción: El abuso sexual está presente en la vida de muchas personas, siendo más frecuente en mujeres, y el principal agresor suele ser un hombre, ya sea del entorno de la víctima o no. Objetivo: El abuso sexual está presente en la vida de muchas personas, siendo más frecuente en mujeres, y el principal agresor suele ser un hombre, ya sea del entorno de la víctima o no. Método: Estudio transversal descriptivo con enfoque cuantitativo, cuyos datos fueron analizados mediante estadística descriptiva, media con desviación estándar y prueba de chi-cuadrado, utilizando el programa SPSS versión 20.0. Resultados: Muestra propuesta de 124 estudiantes de enfermería, calculada mediante OpenEpi, seleccionada aleatoriamente, resultando en una muestra final de 146, de las cuales 56 (38,4%) habían sufrido abuso sexual, con una edad promedio de 12,18 años (DE = 4,380) al momento de la agresión. La mayoría se autodeclaró blanca (96,4%), el 100% sabía qué es el abuso sexual, el 96,4% conocía a alguien que lo había sufrido y el 98,2% sabía que este no se limita solo al acto carnal. Los principales perpetradores fueron: amigo de la familia (42,9%), familiar (17,9%), profesor (5,4%) y padre/padrastro (3,6%). Los lugares donde ocurrieron los hechos fueron: calle (35,8%), vivienda y fiesta (26,8%), otros (25%) y escuela (10,71%). La mayoría enfrentó la situação en silencio (85,7%) y solo el 12,5% contó a los padres. Con respecto al apoyo recibido, ninguno (41,1%), familiar (12,5%), profesional (5,4%) y amigos (3,6%). Los impactos reportados fueron: malestar (91,07%), miedo

(62,50%), vergüenza (55,35%), culpa (35,80%) y otros (23,21%), y el 18,5% aún mantiene contacto con el agresor. Conclusiones: El abuso sexual es un mal social y la subnotificación impide conocer su prevalencia real. Los entornos donde se reproduce la violencia sexual pueden ser tanto extrafamiliares como intrafamiliares, y cuanto mayor es la proximidad con el agresor, en términos de frecuencia y duración, mayores son los impactos negativos en la vida de la víctima. La acogida y el apoyo son de extrema importancia para ayudar a las víctimas a romper el ciclo de cronicidad del abuso sexual, dado que hay mujeres que sufren este acto de manera repetida. La universidad necesita hablar más sobre el tema y fortalecer los medios para combatir el problema en su propio entorno, de modo que pueda acoger a las víctimas y minimizar los daños que esta violencia causa en los ámbitos psíquico, social y físico. Palabras clave: Abuso sexual; Mujeres; Salud.

Palabras clave: Abuso Sexual. Mujeres. Universidad.

1 INTRODUÇÃO

A universidade se destaca como um ambiente em que se faz presente muitos adolescentes, que adentram na mesma para realização de sonhos, busca por um futuro ou como espaço de fuga, muitas das vezes de um ambiente opressor. O quantitativo de mulheres que entram na universidade é muito enorme, e muitas delas trazem marcas que foram implantadas na infância, a partir de múltiplas violências, dentre elas o abuso sexual.

A infância é a fase na qual as primeiras experiências de vida são construídas e dão o suporte para as relações em sociedade na vida adulta. Por isso, na primeira infância, os fatores biológicos e ambientais são fortes influenciadores para o seu desenvolvimento e a capacidade de aprendizagem é otimizada, quando comparada aos adultos. Todavia, quando a criança é exposta a fatores de risco isso é prejudicado[1].

É nesse ciclo de construção que se inicia o acesso à educação e o entendimento dos valores morais. Desse modo, vivências de situações como a de incesto causam grandes impactos na vida da vítima, reverberando na sua vida adulta e resultando em modificações no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social[2]. Esse ciclo de vida faz com que a criança, e também o adolescente, estejam vulneráveis e necessitam de cuidado e proteção, sobretudo no seio familiar, onde muitas vezes está o cenário da violência.

O abuso sexual é uma violência doméstica praticada por um indivíduo com maior poder sobre a vítima, comumente um adulto, cujas vítimas principais são mulheres nas suas mais diversas fases da vida, em situação de vulnerabilidade, que silenciam por vergonha e/ou medo. Quando se trata da violência sexual, essa vulnerabilidade é alcançada quando a criança ou o adolescente, sem o entendimento e/ou consentimento, é persuadida ou forçada a receber/fazer carícias, atos sexuais com ou sem penetração, “voyerismo” do agressor ou da própria vítima que é forçada a ver atos sexuais do seu agressor, além de importunação[3].

O medo e a vergonha que trava e silencia gera subnotificação dos casos, fato multifatorial, e, dentre eles, a circunstância de o agressor ser responsável pela vítima e manter laços afetivos com a mesma, condição que a leva a ter receio de relatar o abuso a alguém, tornando o diagnóstico difícil e agravando a situação da precoce sexualização, que acarretará em dificuldades nas relações interpessoais[4].

Há casos em que o abusador não possui grau de parentesco com a vítima, mas é alguém próximo do ciclo de confiança da família. Dessa forma fica evidente que a violência sexual infantil é um entrave e deve ser visualizado como um problema de saúde pública e que traz sérias consequências ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, psíquico e social do violentado[2].

Ademais, como a violência sexual se faz presente em diferentes contextos, cada espaço se torna um cenário no qual a vítima está vulnerável. Em casa, na rua ou no espaço universitário, as violações nem sempre são vistas como tal, e, por isso que o espaço acadêmico, que deveria oferecer segurança no tocante a violência, acaba sendo um ambiente fértil para a sua perpetração por professores, alunos e servidores, decorrente da relação de poder que acreditam ter[5].

O espaço universitário, durante muitos anos, não reconhecia a violência e seus diversos tipos, incluindo a sexual, pela falta de entendimento do seu conceito e da sua essência, porém, com o aumento de denúncias, essa temática passou a ser discutida. Sobre isso, Souza; Roso; Moraes[5] evidenciam que aproximadamente 67% de universitárias brasileiras reconheceram que sofreram algum tipo de violência no interior da universidade, dentre as quais, sofrer pressão para manter relações sexuais forçadas e carícias sem consentimentos.

O cenário brasileiro aponta um número crescente de violências sexuais. Segundo Silva; Pereira; Andrade[2], no ano de 2017, foram notificadas 20.000 denúncias no Disque 100. Em 2019, quase 70.000 casos de estupros foram relatados, onde quase 90% das vítimas são mulheres de até 19 anos.

Para proteção das mulheres se tem dois grandes dispositivos legais. Quando o abuso sexual ocorre na infância e adolescência, as vítimas são protegidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na fase adulta, a vítima passa a ser respaldada pela Lei Maria da Penha nº 11.340/06. Conforme Almeida & Ferreira[6], esta Lei diz respeito à proteção das mulheres vítimas de qualquer tipo de violência em decorrência do gênero, independentemente de a ocorrência acontecer em ambiente domiciliar ou não.

Entende-se que ainda é insipiente o apoio que a vítima recebe para promover a delação, tanto carece de assistência psicológica como judicial no período pré e pós denúncia. E, atrelado a isto, está a falta de apoio familiar e descrédito aos relatos, condições que compactuam para a manutenção do silêncio, pois prevalece as características de uma sociedade patriarcal, e, por isso, Scherrer; Lopes; Reis[4] apontam que menores do sexo feminino são as vítimas mais prevalentes, onde o gênero do agressor é predominantemente masculino.

Esse cenário aponta a necessidade de se debater essa temática, por todos os segmentos sociais, e fazer isso no espaço universitário é a certeza de atingir acadêmicos e profissionais, possibilitando um maior compartilhamento e acesso de informação da população no geral, pois o desconhecimento e o silêncio é um facilitador da perpetuação deste câncer social.

Esse estudo tem como objetivo investigar junto as universitárias, o impacto da ocorrência do abuso sexual em suas vidas, assim como identificar quais esferas foram as mais afetadas, além de

analisar a relação do agressor com a vítima e investigar em qual o período da vida que ocorreram os episódios de violência sexual.

2 MÉTODOS

Foi desenvolvido um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa, no Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras-PB, da Universidade Federal de Campina Grande, com acadêmicas do curso de Enfermagem. A população do estudo foi constituída por todas as estudantes matriculadas no curso de Enfermagem (182) do referido campus, e a amostra definida em 124 calculada a partir da fórmula para população finita, utilizando o Open Epi. Foi utilizado como critério de inclusão alunas do gênero feminino, com idade maior ou igual a 18 anos, regularmente matriculadas do 2º ao 8º período do respectivo curso. O critério de exclusão foi não ter sofrido abuso sexual. A seleção da amostra foi feita a partir da lista de matrícula, de forma aleatória, após sorteio, para definir o intervalo entre elas.

Para a realização da pesquisa foi construído um instrumento próprio, que foi aplicado às participantes após a entrega, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para garantir o anonimato, foi instruída a utilização de pseudônimos, e, após o preenchimento, o instrumento foi colocado em envelope, para serem manuseados após o fim da coleta de dados.

Finda a coleta os instrumentos foram enumerados e as respostas compiladas em tabela do Excel e transpostas para o programa SPSS versão 20.0, com o qual foi feita a análise dos dados, com estatística descritiva, utilizando proporção e média com desvio padrão.

Esta pesquisa obedeceu aos princípios éticos descritos na resolução 466/2012 e a na Lei nº 14.874, de 28 de maio de 2024. Foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFCG aprovado sob n° 6.541.865.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra resultou em 146 entrevistadas, decorrente de outras acadêmicas expressarem o desejo de participar. Na Tabela 1 está disposto o perfil das acadêmicas entrevistadas, e, para sua construção a variável cor/raça foi dicotomizada em Branca e Não Branca (preta, parda, indígena e amarela). Na Tabela 2 foram descritas as variáveis relacionadas à forma como as vítimas lidaram com a violência.

Por meio do teste de X^2, observou-se as relações das variáveis com a variável dependente "experiência de Abuso Sexual", onde as que apresentaram correlação significativa, conforme está disposto na Tabela 1 e Tabela 2, com valor de significância $\alpha < 0{,}0001$, foram: relação com o abusador,

forma de lidar com a situação, suporte recebido e manter contato com agressor, todas com, e com α 0,001: conhece alguém que sofreu abuso sexual. Essas são variáveis que necessitam de um olhar diferenciado e indicam onde ações de combate ao abuso sexual deve ser mais intensificada.

Tabela 1. Distribuição da amostra conforme o conhecimento sobre abuso sexual segundo a variável de vivência da violência. Cajazeiras, 2024.

Variável		Sim	%	Não	%	Total	Teste X²
Total		56	38,4%	90	61,6	146	
Raça	Branca	54	96,4%	81	90,0	135	-
	Não Branca	2	3,6%	7	7,8	9	
Sabe o que é o abuso sexual?	Não informado	0	0,0	2	2,2	2	-
	Sim	56	100	89	98,9	145	
	Não	0	0,0	1	1,1	1	
Conhece alguém que sofreu abuso sexual?	Não informado	0	0,0	1	1,1	1	0,001
	Sim	53	94,6	61	67,8	114	
	Não	3	5,4%	28	31,1	31	
O abuso sexual se limita ao ato carnal?	Não informado	0	0,0	1	1,1	1	-
	Sim	1	1,8	2	2,2	3	
	Não	55	98,2	87	96,7	142	

Fonte: Pesquisa (2024)

Na Tabela 1, percebe-se que a média de idade das entrevistadas foi de 21,25 (DP=2,443), apesar da média da idade em que as entrevistadas tiveram experiência de abuso sexual, foi de 12,18 (DP=4,380). Isso retrata certa maturidade, o que lhes confere segurança para falar sobre o assunto que lhe acompanha desde a infância, e para algumas, ainda continua acontecendo. Nota-se que a idade em que aconteceu o abuso coloca a vítima em condição de vulnerabilidade e exposta aos agressores, que impõe a violência como uma ação permissiva e normal, pelo fato de elas não entenderem e/ou não reconhecerem os atos.

Essa é uma dura realidade que se perpetua, pois, estima-se que, a cada hora, sete crianças ou adolescentes sofrem violência sexual no Brasil. A idade dos 10 aos 14 anos é um período crucial para o desenvolvimento cognitivo, quando elas conseguem distinguir o certo do errado[7], porém, sem poder se defender totalmente, elas vivenciam o ato de violência e levam junto os impactos negativos e suas repercussões para a vida adulta[8,9].

Outrossim, na maioria das vezes a vítima compõe uma família com outras crianças, e neste estudo, a média de irmãos que elas possuíam foi de 1,58 (DP=1,334), uma condição que pode colocá-las em vulnerabilidade, uma vez que podem se entregar ao silêncio, sob um ameaça velada ou não, como forma de protegê-los e tentar impedir que vivenciem o mesmo que ela.

Infelizmente, o silenciamento leva a percepção da violência sexual como algo natural para a vítima, em decorrência de um contínuo processo de sofrimento[10],[11]. Além do mais, a violência geralmente se inicia de modo insidioso e se arrasta por muito tempo, pois, tão logo o ofensor percebe o poder sobre a vítima, lança mão da chantagem, ameaça e suborno para garantir o seu silêncio[12].

Importante revelar que crescer e ficar adulto não significa ficar livre do abuso sexual, pois muitas vezes a vítima continua sofrendo a violência, em ciclo que não se rompe, seja pelo antigo, e sempre o mesmo agressor, ou por um novo. E, a universidade desponta como um cenário para novas violências, ampliando as repercussões negativas na vida da vítima.

A cronicidade desse evento tem múltiplas causas, dentre elas a imaturidade, a vulnerabilidade das vítimas e o abuso de poder do ofensor. Torna-se, assim, evidente que as intervenções não devem ser aplicadas apenas no imediato, mas pensadas a longo prazo, pois a violência, por muitas vezes, está implantada no ambiente da vítima[13].

Em famílias incestogênicas, na qual as crianças e adolescentes ficam sob cuidados de adultos abusadores, instaura-se um ambiente sem proteção, silenciado, pois pensar ou verbalizar qualquer fato sobre o abuso sexual fica proibido, já que, trazer à tona tais violências resulta em tensões entre os membros da família[14]. Consequentemente, o processo da infância é interrompido, além de permanecer em um contexto familiar desestruturado, de constantes ameaças e sofrimento psíquico e físico. Isto acontece em razão das relações desiguais de poder, seja ela, financeira, cronológica ou física onde, geralmente, a figura masculina, através da autoridade, garante a obediência das vítimas e a manutenção do abuso sexual. Dessa forma, a violência passa a ser aceita e negada por quem é violentado e pelos seus familiares[10].

Nessa situação se insere o sentimento de culpa, já que, a revelação do abuso leva a ocorrência de conflitos, muitas das vezes de situações geradoras de violência reparadora ou de separação e desintegração familiar. Nesse sentido, Cunha[14] aponta que quando algum membro da família revela a dinâmica abusiva é culpabilizado pelos conflitos que virão após as revelações, uma vez que a exposição dessa disfuncionalidade familiar leva ao despertar de sentimentos tensionais antes guardados por todos.

Há de se destacar a transmissão de características geracionais, com foco nas maléficas, nas quais o abusado – ou quem convive com tal condição – em condições de "normalidade" pode se tornar um abusador, mesmo que isso se dê de forma inconsciente. Azevedo; Alves; Tavares[10] asseveram que

experiências passadas se tornam constantes na vida das pessoas, revividas e trazidas ao presente na forma memórias e/ou padrões de comportamento, que, no caso do abuso sexual, aprisiona e provoca disfunções psicopatológicas.

Algo que chama a atenção é que a violência sexual não tem espaço definido, porém é mais frequente ou revelada nas classes sociais mais baixas e na raça negra. Neste estudo, tendo como cenário o âmbito universitário, o perfil das mulheres participantes estava constituído de 92,5% autodeclaradas brancas, 100% possuíam conhecimento sobre o que é abuso sexual, 99,4% sabiam que este não se limitava apenas ao ato carnal, 78,1% conheciam alguém que já tinha sofrido o abuso sexual e 38,4% relataram a vivência do abuso sexual, uma única vez ou de forma recorrente.

Semelhante a esse estudo, a raça branca também se sobressai, com maior quantitativo de vítimas sobre as outras raças na pesquisa realizada[12] na cidade de Joinville. Os autores justificaram esse fator pela predominância da raça branca na Região Sul do Brasil. Muzzi *et al.*[13] apresentam resultado divergente, pois houve maiores notificações registradas da raça negra quando comparadas com a branca.

O acesso à universidade pública por maioria de pessoas brancas, denuncia a exclusão das minorias do nosso sistema educacional, principalmente com as raças preta, parda, indígena e amarela. Segundo Silva; Passos[15] tal perfil excludente é percebido pela carência de pluralidade racial dentro desse espaço de formação. E, quando se traz a relação de raça e abuso sexual, as mulheres pretas e pardas são as mais vulneráveis, principalmente quando se avalia o meio social como um todo[13 7, 8,].

Para ajudar a enfrentar esse fenômeno, no processo de identificação e acolhimento de vítimas de abuso sexual, a enfermagem tem papel primordial, pois, enquanto membro da equipe multiprofissional, é esta categoria que estabelece mais rapidamente a criação de vínculo entre paciente e profissional, em razão da maior permanência tempo junto com ele[11].

Dessa maneira, torna-se indispensável que na formação do enfermeiro sejam dados os mínimos conhecimentos sobre possíveis sinais apresentados por pacientes com suspeitas de violência sexual, uma vez que a falta de informação pode ocasionar intervenções inadequadas, contribuindo para uma assistência desqualificada, bem como para a repetição da violência[11].

Na Tabela 2 são encontradas as variáveis referentes a forma como a vítima enfrentou a situação e como lidou após o abuso sexual, sendo também identificado o grau de relação com o agressor.

Tabela 2. Distribuição da amostra conforme o lidar com o abuso sexual segundo a variável de vivência da violência. Cajazeiras, 2024.

Variável		Sim	%	Não	%	Total	Teste X²
Total		56	38,4%	90	61,6	146	
Relação com o abusador?	Professor	3	5,4	0	0,0	3	<0,0001
	Amigo da família	24	42,9	0	0,0	24	
	Familiar	10	17,9	0	0,0	10	
	Pai/Padrasto	2	3,6	0	0,0	2	
	Não informado	17	30,4	0	0,0	17	
Como lidou com a situação?	Contou aos pais	7	12,5	0	0,0	7	-
	Silenciou	48	85,7	1	1,1	49	
	Não informado	1	1,9	0	0,0	1	
Suporte recebido?	Nenhum	23	41,1	0	0,0	23	<0,0001
	Familiar	7	12,5	0	0,0	7	
	Amigos	2	3,6	0	0,0	2	
	Profissional	3	5,4	0	0,0	3	
	Não informado	21	37,5	90	100	111	
Mantém contato com o agressor sexual?	Sim	10	18,5	0	0,0	10	<0,0001
	Não	43	79,6	1	1,1	44	
	Não informado	1	1,9	89	98,9	90	

Fonte: Pesquisa (2024)

Qualquer pessoa está suscetível a sofrer violência, independentemente de raça, idade ou posição social. Porém, quando se trata de mulheres, existem fatores de risco que as colocam em maior exposição, como expõem Medeiros *et al.*[11] e Moreira[16] ao listarem a pouca condição social e econômica, educação de baixa qualidade e falta de medidas protetivas. Além disso, morar apenas com pai ou mãe e ter a presença de padrasto, bem como, não ter conversas sobre educação sexual no seio familiar[17].

Contudo, há também fatores de proteção que, agregados, deixam menos acentuada a vulnerabilidade feminina, tais como: condição econômica e grau de escolaridade familiar elevados[8], ter a fé baseada no catolicismo e residir com os pais[17].

No entanto, apesar da existência desses fatores, o abuso acaba acontecendo e resta à vítima lidar com o acontecimento. Este estudo revela que a forma de lidar com pós evento, na sua maioria, se deu com o silêncio (85,7%). Uma minoria (12,5%) contou aos pais e 1,9% preferiu não informar.

Sabe-se que inúmeros fatores propiciam esse desfecho, apesar de cada situação ter suas particularidades, e, um dos principais fatores é o medo, em respostas às ameaças do agressor, bem como o receio de ser desacreditada pela família, ou de ser considerada como a responsável por causar conflitos familiares, ser dependente do ofensor e a falta de profissionais que não realizam o acolhimento quando estas procuram o meio legal ou até a mesmo a falta de informação são as que mais são relatadas pelas vítimas [9],[11], [14], [16].

Neste estudo se verificou que, no tempo da ocorrência do abuso, não houve relato de denúncia registrada, e, uma interpretação sobre isso, é de que, na época não havia tanta informação disponível e nem tampouco as vítimas possuíam idade para realizarem formalmente a denúncia, além de, possivelmente, os perpetradores serem próprios responsáveis. Atrelado a isto, ainda há o fato da existência da desacreditação do sistema judiciário brasileiro, cuja crença se respalda em achar que não daria em nada[18]. Quando acontece de as vítimas revelarem que sofreram violência, o processo já se encontra em um estado de cronicidade e para além do seu sofrimento.

Ao permanecerem caladas e não buscarem ajuda, as vítimas acreditam que essas escolhas foram as melhores formas de lidar com a situação, apesar de isto contribuir como fator potencial para continuar a sofrer o abuso sexual. Azevedo; Alves; Tavares[10] salientam que a comunicação em famílias incestogênicas é algo complexo e multifacetado, sendo isso o principal facilitador da manutenção do abuso sexual, na medida em que a vítima se cala ou até mesmo nega a sua existência.

A exposição permanente a abusos sexuais traz sérios danos à vida da vítima, em todos os âmbitos, e se faz necessária uma rede de apoio, algo que neste estudo as entrevistadas, na sua maioria, informaram não ter, uma vez que 41,1% informou não ter recebido nenhum apoio, e, como agravante,

18,5% ainda mantém contato com o abusador. Isso tudo, pode estar atrelado ao fato da pressão familiar sofrida, de forma velada ou desvelada, da vivência e frequência com que é violentada e da aceitação, culpabilização e normalização da ocorrência. Por isso, a disfuncionalidade familiar propicia crescimento de angústia e sofrimento, onde a vítima não recebe o apoio devido[10].

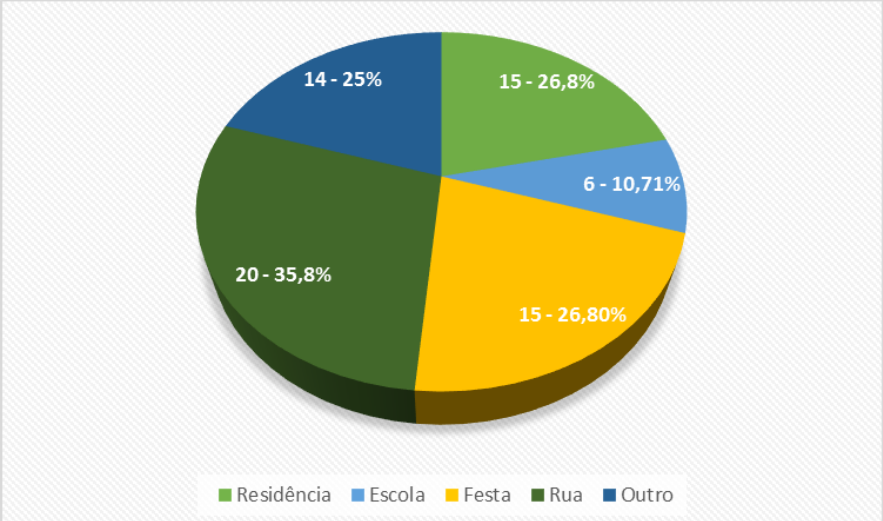
Nessa linha de necessidade de apoio, Brasileiro & Fonseca[7] afirmam que a jovem que possui uma estrutura familiar com pais presentes, que percebem e acolhem os filhos em suas necessidades, que possui confiança em amigos ou professores, sente-se segura para revelar seus sofrimentos e, tal condição, torna-se um fator protetivo para evitar que se repita a violência sexual e para minimizar os traumas.

O perfil dos perpetradores foi constituído por pessoas do próprio convívio da vítima e por totais desconhecidos, dos quais 42,9% eram amigos da família, 17,9% familiar, 5,4% professor e 3,6% pai/padrasto. Destaca-se que 30,4% não foram informados.

Este resultado corrobora com outros estudos, onde pai, padrasto, amigo da família, professor, tio, primo, vizinho ou adultos foram os mais frequentes[12],[18],[19],[20]. Isso revela a proximidade e constância de contato da vítima com seus agressores. Para Moreira *et al.*[12], o abusador do ambiente intrafamiliar, por possuir certo vínculo com a vítima, se aproveita disso para realizar a violência, e o do meio extrafamiliar faz uso da força, diferença de idade e autoridade para praticar o ato abusivo.

Leite *et al.*[9] destacam que nesse processo o homem desponta como principal agressor, independente da faixa etária da vítima, embora, Sá *et al.*[21] considerem que agressores desconhecidos preferem mulheres adultas. E, assim, em casa, na rua, na universidade, ou em qualquer espaço, a mulher passa a ser vítima.

Figura 1. Locais onde ocorreram abuso sexual. Cajazeiras, 2024.



Fonte: Pesquisa, 2024.

No tocante a outros locais, as respostas foram: “Casa de patrão”, “Casa de vizinho”, “Vizinho”, “Casa de amiguinha”, “Casa de conhecida”, “Na porta de casa”, “Casa da tia”, “Transporte”, “Faculdade”, “Praia”, “UFCG”, “Casa de amiga” e “Casa de parente”.

Os cenários onde ocorrem as agressões de abuso sexual são diversos e a universidade é um deles, fugindo totalmente de seu papel, pois um local que deveria ser um ambiente que proporcionasse segurança, convivência saudável e uma formação livre de traumas, se constitui como um espaço opressor/traumático. Essa é uma dura realidade do território brasileiro.

Estudo, com universitárias de centros de ensino superior do Amazonas, revela que cerca de 12% das acadêmicas sofreram assédio sexual, importunação sexual e estupro nesse ambiente, corroborando para um espaço de poder, onde a figura masculina é muito presente, marcado pela subordinação da vítima, ao poder e ao medo da punição/retaliação e das perdas acadêmicas no processo[22]. Esse cenário se torna mais crítico, pois cerca de 50% de violações sexuais no ambiente universitário tem origem hierárquica[23].

Por esse contexto as vítimas silenciam e muitas das vezes são acalentadas com o pensamento conformista: “só terei mais essa disciplina e me livro dele”. Esse comportamento resulta em um agressor sem punição, vítima punida e com trauma[22], fazendo elas passarem a desacreditar no senso de justiça e igualdade, diminuir a confiança nas atividades, mudar ou desistir do curso e desenvolver sentimentos de traição e desrespeito[24]. As repercussões de tais fatos são inúmeras e afetam os campos psicológico, físico e profissional da vítima, neste último caso podendo levar a perda de oportunidade, diminuição da motivação e satisfação no que faz, menor produtividade e não cumprimento de pontualidade ou obrigação[25].

Infelizmente, o poder atribuído ao professor, decorrente de sua função e posição na instituição, é utilizado para coibir e controlar os estudantes, ficando estes sujeitos a presenciar e conviver com comportamentos de piadas sexistas e provocações sexuais que podem culminar no abuso.

A ocorrência da importunação e o assédio sexual são relatos frequentes de universitárias, a exemplo de brincadeira de cunhos sexual e toques indesejados praticados por professor contra as alunas, sem o mínimo pudor por parte daquele e a ausência completa de intimidade com a vítima[22]. Ainda nesse sentido, os olhares invasivos de desejo, troca de favores sexuais e e-mails com segunda intenções se enquadram nas violações citadas acima[23].

Embora a rua tenha sido um dos locais mais sinalizados e com maior porcentagem, a residência, como local de habitação de familiares, amigos, dentre outros, foi muito relatada em outros locais, tornando-se o cenário onde mais ocorre o abuso, quando se soma todos os seus tipos (42,9%).

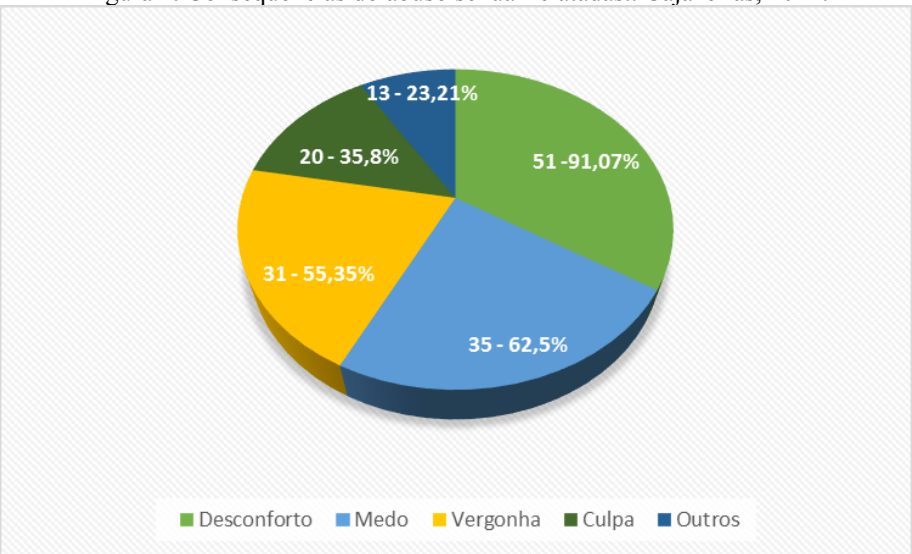
A residência é um local considerado seguro para o perpetrador, pois favorece maior proximidade com a vítima e, também, contribui para a repetição do ato. Nesse cenário, a casa se torna um ambiente de aversão para a mulher violentada[12],[13]. E, se estas, se configuram por famílias desestruturadas e por pessoas propagadoras da violência, passam a ser um ambiente que não cumpre com sua função social.

Os terrenos vazios, ruas escuras e desertas, transportes públicos, ambientes de trabalho e espaços de diversão noturna, são ambientes externos onde mais ocorrem violência sexual, e, nestes últimos, é comum a naturalização da hipersexualização do gênero feminino, como feridas da história, repetindo padrões onde, historicamente, clubes, bares, baladas eram espaços somente frequentados pelo gênero masculino para diversão, tendo as mulheres para sua satisfação sexual. Nessa realidade, Amorim[25] destaca que, mesmo frente às conquistas femininas, muitos homens ainda vivem no patriarcalismo e agem como se festas, baladas e casas noturnas ainda servissem a este propósito.

A escola também desponta como lugar de violência sexual, onde muitas das vezes esse evento é ignorado por motivos diversos. Santos & Lima[17], revela, em seu estudo, que cerca de 69,7% de adolescentes do sexo feminino vivenciou tal violência no ambiente escolar, um evento que provoca impacto negativo direto na vida da vítima, tanto no âmbito individual como coletivo, e contribui para a evasão escolar.

A análise das consequências do abuso sexual na vida das vítimas, tanto pelas múltiplas respostas como pelas externalizações, revelou o desconforto como o mais prevalente (91,07%), seguido do medo (62,50%), vergonha (55,35%), culpa (35,81%) e outros (23,21%), conforme disposto na Figura 2.

Figura 2. Consequências do abuso sexual relatadas.. Cajazeiras, 2024.



Fonte: Pesquisa, 2024.

As respostas das consequências subjetivas foram: “Raiva”, “Confusão”, “Inclinação à desconfiança masculina”, “Insegurança”, “Nojo”, “Sensação de estar suja”, “Trauma”, “Receio de alguém”, “Desconfiança”, “Ansiedade” e “Fobia social”.

É perceptível o impacto negativo do abuso sexual na vida da vítima, que se agravam a curto e a longo prazo, conforme a temporalidade do ato e da rede de apoio que a vítima recebe. Consideram que quanto mais jovem a vítima, mais difícil é para ela externalizar o sofrimento[13], pois sua resposta ao ato tem relação direta com o apoio dos familiares, ambiente, proximidade com o abusador, gravidade do abuso, frequência e duração da exposição.

Os impactos mais presentes no âmbito mental, normalmente gerados pelo medo, culpa ou vergonha, são depressão, ansiedade[11],[12], transtorno de personalidade borderline[11], comportamentos e pensamentos suicidas[11],[12],[17], abuso de substâncias ilícitas[12],[17] e transtornos de estresse pós traumático[12].

No aspecto físico, tem-se a gravidez indesejada, a contaminação com infecções sexualmente transmissíveis e a fuga de casa[11],[17]. Quanto aos impactos na seara social, podem chegar a desenvolver comportamentos de riscos como promiscuidade, fetichismo, voyeurismo, parafilias e exibicionismo[12], que se configuram também como transtornos de preferência sexual. As sequelas deixadas pelo abuso sexual são inúmeras e seu ônus transita em todas as dimensões, inclusive, para o sistema de saúde.

4 CONCLUSÃO

O estudo propiciou o alcance dos objetivos propostos e de outros não esperados. A possibilidade de dar voz às mulheres universitárias vítimas do abuso sexual e quebrar a barreira do silêncio foi um deles.

Os resultados reforçam o abuso sexual como um problema de saúde pública e do sistema judiciário, pois apesar da impossibilidade de se mensurar a real magnitude dos seus impactos devido a subnotificação, o que foi revelado já assume proporções gigantescas, pela repercussão que causa na vítima e na sociedade.

Reforçam, também, o fato de que nenhuma mulher está livre de sofrer abuso sexual, pois em todos os espaços sociais há o risco de se encontrar um abusador. E, a universidade se enquadra nesse cenário, mas, para enfrentar esse mal social, já dispõe de estratégia de acolhimento às vítimas e de um canal de denúncias específico para esse fim, bem como de protocolos que fornecem orientações às vítimas o seguimento ao enfrentamento do problema, a exemplo da Ouvidoria e da Comissão Permanente de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Moral, Sexual e a todas as formas de Discriminação e violência, dentre outras iniciativas, que tem acolhido a vítima e punido o agressor.

Nota-se a real e fundamental necessidade de se fortalecer os mecanismos existentes de combate à violência, para que se amplie as atividades preventivas, como as palestras, rodas de conversa, espaço de escuta, de forma a tirar do silêncio esse mal que maltrata e mata aos poucos. Pois, o conhecimento liberta e o silêncio aprisiona a vítima e fortalece o agressor. Também, deve-se fomentar as pesquisas e projetos de extensão voltados para essa pauta.

REFERÊNCIAS

1. Torquato IMB, Vaz EMC, Souza MHN, Collet N, Reichert APS. Percepção materna acerca da efetividade de intervenções educativas para estimulação de crianças de risco desenvolvimental.Enferm Foco. 2022; 13; e-202239. https://doi.org/10.21675/2357-707X.2022.v13.e-2022399

10. Azevedo MB, Alves MS, Tavares JRF. Abuso sexual intrafamiliar em adolescentes e suas reflexões. Psicologia para América Latina. 2018; 30; México. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2018000100002

11. Medeiros TPG, Nóbrega IS, Bezerra KA, Souto RQ, Monteiro GKNA, Marcolino EC, *et al.* Abuso sexual contra crianças no contexto da enfermagem: uma análise de conceito. Online Braz J Nurs. 2024; 23. https://doi.org/10.17665/1676-4285.20246680

12. Moreira TMA, Randig A, Goulart J, Schultz LF, Turmina J. Estudo de violência sexual em crianças e adolescentes em Joinville, SC, 2019. Ver. APS. 2022; abr.-jun.;25 (3); 535-552. https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/35727/25732

13. Muzzi PB, Oliveira FS, Ferreira RC, Zarzar PM. Violência sexual infantil por sexo, faixa etária e regiões do Brasil: uma análise de 2011 a 2021[Tese]. 2024; Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais. https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/bffdb911-0712-4f83-8345-eab59b426a4b/content

14. Cunha RV. Práticas de avaliação psicológica em suspeitas de abuso sexual infantil intrafamiliar no contexto judiciário do estado do Rio de Janeiro. Psicologia USP. 2024; 35; e-220089. http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e220089

15. Silva PE da, Passos AH. Expressões da branquitude no ensino superior brasileiro. REA. 2021; 21 (230); 03-4. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60348

16. Moreira PBM. Violência sexual infantil no Brasil: uma análise utilizando os dados do sistema de informação de agravos de notificação (SINAN) de 2011 a 2021 e capacitação sobre abuso infantil. 2024. 13 p. Dissertação (Mestrado em odontologia - área de concentração em Saúde Pública) - Faculdade de Odontologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/75935

17. Santos MJ, Lima AJA. Violência sexual na escola: prevalência e fatores associados em adolescentes do ensino médio. Boca. 2023; 15 (45). https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2205/852

18. Henriques CGP, Rosa EM, Vargas EAM. Múltiples facetas de la violência em Latinoamérica: violência física, emocional e sexual intrafamiliar durante a infância e adolescência entre estudantes universitários. Vitória: Edufes, 2021. https://www.researchgate.net/profile/Catarina-Henriques-13/publication/379778959_Violencia_fisica_emocional_e_sexual_intrafamiliar_durante_a_infancia_e_adolescencia_entre_estudantes_universitarios/links/66198e1543f8df018dfd55d3/Violencia-fisica-emocional-e-sexual-intrafamiliar-durante-a-infancia-e-adolescencia-entre-estudantes-universitarios.pdf

19. Landi CA. Violência sexual contra adolescentes e adultos jovens e estilos parentais [Tese]. 2019; São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/d27c6822-2d98-462b-8d40-4a99048048ec/content

2. Silva CM, Pereira DRP, Andrade FS. Quebra do silêncio em grupo on-line de enfrentamento ao abuso sexual infantil. Psicol. Estud. 2023; 28; e-51583. https://www.scielo.br/j/pe/a/gvTGdR5FSPK9vmqFjvyBRqK/?lang=pt

20. Dias LA. O papel da escola contra o abuso sexual. 2022; Brasília: Universidade de Brasília. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/33957/1/2022_LeticiaAlmeidaDias_tcc.pdf

21. Sá AAA, Cavalcanti JCT, Oliveira IHB, Oliveira KC, Temóteo LM, Dantas MFS, *et al.* A violência sexual e o silêncio da academia - até quando?. Revista Foco. 2024;17(4); e-4673; p.01-13. https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n4-045

22. Pagel WH, Lima LS, Morais AM, Laurenti C. Violência sexual na universidade: relatos de representantes de associações estudantis. Interface (Botucatu). 2024; 28; e-230155. https://doi.org/10.1590/interface.230155

23. Basso MS, Fontana J, Laurenti C. Violência sexual e saúde mental de universitários: uma sistematização da literatura brasileira. Psic. Rev. 2022; 31(2); 385-411. https://doi.org/10.23925/2594-3871.2022v31i2p385-411

24. Melo CFC. O assédio sexual no contexto universitário português: a experiência de ser assediado dentro da faculdade [Tese]. 2019; Portugal; Instituto Universitário. https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/7267/1/23287.pdf

25. Amorim CMN. "Muitas vezes, nós não dizemos nada": representações, percepções e incidência do assédio sexual entre estudantes da Universidade do Minho [Tese]. 2021; Portugal; Universidade Minho. https://hdl.handle.net/1822/74251

3. Cruz MA, Gomes NP, Campos LM, Estrela FM, Whitaker COM, Lírio JGS. Repercussões do abuso sexual vivendo na infância e adolescência: revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva. 2021; 26(4); 1369-1380. https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019

4. Scherrer IRS, Lopes DML, Reis MC. Análise do perfil e fluxo de atendimento de crianças vítimas de violência sexual em um serviço de referência. Rev Med Minas Gerais. 2022; 32; e- 32108. https://doi.org/10.5935/2238-3182.2022e32108.v32.332108

5. Souza JG de, Roso AR, Moraes MEF. Violência sexual na universidade: experiências e práticas de profissionais da Psicologia. Rev Psi Divers Saúde. 2022;11; e4195. https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2022.e4195

6. Almeida CL, Ferreira KCA. A violência doméstica e familiar contra a mulher à luz da lei maria da penha: desafios e perspectivas. Rev Mult CEAP. 2021; 3 (2). http://periodicos.ceap.br/index.php/rcmc/article/view/92

7. Brasileiro TC, Fonseca PN. Estudo documental de relatos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Psico USF. 2023; 28 (2); 375-388. https://doi.org/10.1590/1413-82712023280213

8. Santos MJ, Mascarenhas MDM, Malta DC, Lima CH, Silva MMA. Prevalência de violência sexual e fatores associados entre estudantes do ensino fundamental-Brasil,2015. Ciência & Saúde Coletiva.

2019; 24(2);535-544. https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.13112017

9. Leite FMC, Pedroso MRO, Fiorotti KF, Ferrari B, Paulucio MD, Entringer AM, *et al.* Violência sexual contra mulheres: uma análise de notificações no Espírito Santo, Brasil. Esc Anna Nery. 2023; 27; e-20220288. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0288pt